

BOY ERASED

GARRARD CONLEY

Boy erased:

Uma verdade anulada

TRADUÇÃO DE CAROLINA SELVATICI



Copyright © 2016 by Garrard Conley

TÍTULO ORIGINAL

Boy Erased

PREPARAÇÃO

Marina Góes

REVISÃO

André Marinho

Flora Pinheiro

DIAGRAMAÇÃO

Ilustrarte Design e Produção Editorial

ILUSTRAÇÕES DE CAPA

Criança: Adaptado de litografia, © A. Scheer

Folha: Reprodução de Otto W. Thomé, *Flora von Deutschland, Österreich und der Schweiz* (1903)

DESIGN DE CAPA

Rachel Willey

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Antonio Rhoden

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C761b

Conley, Garrard

Boy erased / Garrard Conley ; tradução Carolina Selvatici. - 1. ed. -
Rio de Janeiro : Intrínseca, 2019.

320 p. : il. ; 21 cm.

Tradução de: Boy erased

ISBN 978-85-510-0411-1

1. Conley, Garrard. 2. Homossexuais masculinos - Estados Unidos - Autobiografia. 3. Homossexualidade - Aspectos religiosos. 4. Homossexualidade - Aspectos psicológicos. I. Selvatici, Carolina. II. Título.

18-5358

CDD: 920.0086642

CDU: 929-055.34-055.1

[2019]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Para os meus pais

NOTA DO AUTOR

Durante minha estadia na Amor em Ação (AEA), nenhum diário, máquina fotográfica ou qualquer outro método de registro era permitido dentro da instituição. Por isso, recriei todos os acontecimentos, descrições físicas e diálogos da melhor maneira possível. As lembranças de minha mãe e as minhas, o manual de reorientação sexual da AEA, artigos de jornal, posts em blogs e entrevistas pessoais preencheram as lacunas quando o trauma obscureceu coisas que eram dolorosamente claras. Como na maioria dos livros de memórias, a cronologia é precisa e foi alterada apenas nos pontos em que a narrativa exigia. Excluí detalhes que pareciam irrelevantes para a natureza da história. Nomes e certas características de algumas figuras importantes de minha vida, como Chloe, Brandon, David, Brad, o Irmão Stevens e o Irmão Nielson, foram alterados.

Eu queria que nada disso tivesse acontecido. Às vezes agradeço a Deus por ter acontecido.

Entretanto, ela podia ver, pelos rostos chocados e alterados, que até suas virtudes estavam sendo destruídas.

— Flannery O'Connor, “Revelação”

Posso olhar para a parede e dizer repentinamente: “É azul.” E outra pessoa chegar e dizer: “Não, não. É dourada.” Mas eu quero acreditar que aquela parede é azul. É azul, é azul, é azul. Então, Deus vem e diz: “Você está certo, John, é mesmo azul.” Esta é a ajuda de que preciso. Deus pode me ajudar a tornar aquela parede azul.

— John Smid, líder do movimento de reorientação sexual, em uma entrevista para o *Memphis Flyer*

HISTÓRICO DO MOVIMENTO DE REORIENTAÇÃO SEXUAL

- 1973 A Associação Americana de Psicologia retira a homossexualidade da lista de doenças mentais. A Amor em Ação (AEA), uma organização fundamentalista cristã não denominacional, rejeita a decisão da Associação e abre as portas em San Rafael, na Califórnia, prometendo curar os “vícios sexuais” dos membros LGBT de sua congregação.
- 1976 A primeira conferência de reorientação sexual acontece em Anaheim, na Califórnia, e os 62 participantes formam o que se torna a Exodus International, a maior organização de reorientação sexual do mundo. A AEA é o principal programa da organização.
- 1977 Jack McIntyre, participante da AEA há quatro anos, comete suicídio, levando um dos fundadores do grupo, John Evans, a condenar o programa. Em um bilhete de despedida, McIntyre escreveu: “Prostrar-me diante de Deus continuamente, pedir perdão e fazer promessas que sei que não vou conseguir manter é mais do que posso suportar.”
- 1982 A Exodus Europe, uma organização independente que trabalha em conjunto com a Exodus International, faz a primeira conferência de reorientação sexual na Holanda. Já existem ministérios na Austrália, no Brasil e em Portugal.

- 1989 A Exodus expande sua missão para incluir as Filipinas e Cingapura. A organização, que, no auge, financiava mais de duzentos ministérios em todos os Estados Unidos, chama a atenção da grande mídia e obtém espaço em programas de rádio e TV de alcance nacional.
- 1990 John Smid assume o cargo de diretor da AEA.
- 1993 John Evans, cofundador da AEA, escreve um artigo no *The Wall Street Journal* denunciando a terapia de reorientação sexual: “Eles estão destruindo a vida das pessoas. Se não fizer o que querem, você não é de Deus, vai para o Inferno. Eles estão vivendo num mundo de fantasia.”
- 1994 Sob a direção de John Smid, a AEA transfere sua sede para Memphis, no Tennessee, e compra dois hectares de terra para sediar o programa de residência.
- 1998 Um dos líderes do movimento de reorientação sexual, John Paulk, que logo apareceria na capa da revista *Newsweek* com sua esposa lésbica reconvertida, funda a Love Won Out, uma série anual de conferências de reorientação sexual.
- 2000 A primeira conferência latino-americana da Exodus é realizada em Quito, no Equador. Os ministérios se expandem para China, Índia, Indonésia, Malásia, México, Sri Lanka e Taiwan.
- 2003 A AEA dá início ao polêmico programa Refúgio, que reúne adolescentes e adultos que sofrem de vários “vícios sexuais”.
- 2004 Minha história com a terapia de reorientação sexual começa.

SEGUNDA-FEIRA,
7 DE JUNHO DE 2004

John Smid estava de pé, as costas retas, sorrindo com seus óculos de armação fina, usando a calça cáqui e a camisa de botão listrada que haviam se tornado o uniforme dos homens evangélicos de todo o país. As costuras da camiseta que usava por baixo se esticavam, rígidas, sob a camisa, e o cabelo louro e grisalho estava domado por um corte máquina cinco, comum em todos os barbeiros do Sul dos Estados Unidos. O resto de nós estava sentado em um semicírculo voltado para ele, todos vestidos de acordo com as regras determinadas em nossos manuais de instruções de 274 páginas.

Homens: Sempre usar camisas, inclusive para dormir. Camisetas sem manga não são permitidas, seja como roupa comum ou de baixo, inclusive regatas. A barba deve ser feita todos os dias. Costeletas nunca devem ficar abaixo da ponta da orelha.

Mulheres: Usar sutiã o tempo todo, a não ser para dormir. Saias devem ficar na altura dos joelhos ou abaixo deles. Tops permitidos apenas se usados sob blusas. Pernas e axilas devem ser raspadas pelo menos duas vezes por semana.

— A primeira coisa que vocês precisam fazer é reconhecer o quanto se tornaram dependentes de sexo, de coisas que não são de Deus — disse Smid.

Estamos no Primeiro Passo do Amor do programa de Doze Passos para a Ação, uma série de princípios que põe os pecados da infidelidade, da brutalidade, da pedofilia e da homossexualidade no mesmo patamar de vícios como o alcoolismo e o jogo: um tipo de Alcoólicos Anônimos para o que os conselheiros chamam de “desvio sexual”.

Algumas horas antes, sentado sozinho em sua sala, eu havia visto um homem diferente: um Smid mais bondoso e brincalhão, um palhaço de meia-idade disposto a usar todo tipo de técnica para me fazer sorrir. Ele havia me tratado como criança, e eu tinha relaxado naquele papel, apesar de ter dezenove anos na época. Smid disse que eu tinha ido ao lugar certo, que a Amor em Ação me curaria, me tiraria do pecado e me levaria à luz da glória de Deus. O escritório dele parecera iluminado o bastante para sustentar aquela afirmação, as paredes nuas a não ser por alguns recortes de jornal e versos da Bíblia bordados dispostos em molduras. A janela dava para um terreno baldio, raro naquela área dos arredores da cidade: um gramado abandonado, pontuado por dentes-de-leão coloridos e seus milhares de sementes que se espalhariam pela rodovia até o fim da semana.

— Nós tentamos misturar vários modelos de tratamento aqui — garantiu Smid, girando a cadeira de escritório para olhar pela janela.

Um sol alaranjado se erguia atrás dos prédios mal caídos ao longe. Esperei que a luz do sol os tomasse, mas, quanto mais observava, mais ela parecia demorar. Eu me perguntei se era assim que o tempo funcionaria naquele lugar: minutos pareceriam horas, horas pareceriam dias, dias pareceriam semanas.

— Assim que você entra no grupo, já está caminhando para a recuperação — dissera Smid. — O importante é se lembrar de manter a cabeça aberta.

Eu estava ali por escolha própria, apesar do meu ceticismo crescente, apesar da vontade secreta de fugir para não encarar a vergonha que sentia desde que meus pais haviam descoberto que eu era gay. Tinha investido demais em minha vida para deixá-la para trás: em minha família e naquele Deus cada vez menos definido que conhecia desde pequeno.

Deus, eu havia pedido em oração, deixando a sala de Smid e seguindo pelo corredor estreito até o salão principal, as luzes fluorescentes estalando em seus suportes de metal, *não sei mais quem é o Senhor, mas, por favor, me dê sabedoria para sobreviver a tudo isso.*

Algumas horas depois, sentado no meio do semicírculo de Smid, eu esperava que Deus se juntasse a mim.

— Vocês não são melhores nem piores do que os outros pecadores do mundo — disse Smid.

Ele mantinha os braços cruzados atrás das costas, o corpo todo tenso, como se tivesse sido amarrado a uma tábua invisível.

— Deus vê todos os pecados sob a mesma luz.

Todos assentimos. O jargão do ex-gay já havia se tornado familiar para mim, apesar de ter sido um choque quando o lera pela primeira vez no site da instituição, quando ficara sabendo que a homossexualidade que eu tinha tentado ignorar durante grande

parte da minha vida estava “fora de controle”, que eu podia acabar tendo relações com o cachorro de alguém se não me curasse. Por mais absurda que a ideia possa parecer neste momento, eu não tinha muitas informações em que me basear na época. Ainda era jovem o suficiente para ter tido apenas casos passageiros com outros homens. Antes da faculdade, eu só havia conhecido um homem que dizia abertamente que era gay: o cabeleireiro da minha mãe, um cara grande e peludo que passava a maior parte do tempo dando sinais do que eu considerava um estereótipo — elogiava minha aparência, fofocava sobre os colegas de trabalho, discutia os planos para sua próxima festa de Natal maravilhosa, a barba branca impecável já esculpida para encarnar o papel de Papai Noel Safado. O restante do preconceito eu havia aprendido em pantomimas: punhos frouxos e gestos exagerados de membros da igreja fazendo piada; frases que chamavam atenção em virtude daquela cadência melódica comum na TV — “Ai, não *precisaaaava*” —; petições da igreja que tinham que ser assinadas para manter o país a salvo dos “pervertidos”. O brilho de uma *legging* neon, o agitar de um boá, um bumbum durinho rebolando para a câmera. O que eu via na TV parecia corroborar que ser gay era estranho, não natural.

— Vocês precisam entender uma coisa muito importante — disse Smid, a voz tão próxima que pude senti-la em meu peito. — Estão usando um pecado sexual para preencher o vazio que sentem pela falta de Deus em suas vidas.

Eu estava ali. Ninguém podia dizer que eu não estava tentando.

O salão principal era pequeno, iluminado por lâmpadas fluorescentes e tinha uma porta de correr que dava para uma varanda de concreto desbotada pelo sol. Nosso grupo estava sentado em

cadeiras dobráveis acolchoadas, perto da frente da sala. Nas paredes atrás de nós, havia folhas plastificadas com os Doze Passos que prometiam uma cura lenta, mas duradoura. Além desses pôsteres, as paredes não tinham basicamente nada. Não havia crucifixos nem estações da via crucis. Ali, tal iconografia era considerada idolatria, assim como a astrologia, o jogo *Dungeons & Dragons*, as religiões orientais, os tabuleiros de Ouija, o satanismo e a ioga.

A Amor em Ação tinha uma posição mais extrema contra o mundo secular do que as igrejas da minha infância, embora eu já estivesse familiarizado com o modo de pensar dos conselheiros. Dentro do ramo fundamentalista do cristianismo chamado de Batista, a denominação da minha família, Batista Missionária, proibia tudo que tivesse o poder de distrair a alma da comunicação direta com Deus e a Bíblia. Muitas das cento e poucas demais denominações no espectro batista costumavam discutir o que devia ou não ser permitido ao rebanho, mas algumas igrejas levavam esses temas mais a sério do que outras, e assuntos como o jeito de dançar e as armadilhas das leituras não bíblicas ainda eram debatidos.

— Harry Potter não passa de um sedutor das almas das crianças — dissera certa vez um pastor batista que fora visitar a igreja da nossa família.

Não duvido que meus conselheiros da AEA também tivessem descartado qualquer menção a Harry Potter e que, portanto, o tempo que passei em Hogwarts tivesse que continuar sendo um prazer secreto. Eu havia selado um pacto ainda mais sério com Deus ao ir até ali, algo que exigia que abstraísse a maior parte do que acontecera antes da AEA. Antes de entrar naquela sala, tinham me pedido para deixar tudo para trás, com exceção de minha Bíblia e meu manual.

Como a maioria dos clientes da AEA havia crescido naquele protestantismo literal e estava desesperada por uma cura, as regras rígidas dos conselheiros recebiam salvas de palmas. As paredes brancas e limpas do local pareciam um cenário apropriado para uma sala de espera, onde tentaríamos receber o perdão de Deus. Até música clássica era proibida — “Beethoven, Bach etc. não são considerados cristãos” —, e um silêncio pesado pairava na sala durante nosso Momento de Reflexão matinal, silêncio esse que adentrava as atividades diárias e gerava um clima que, se não parecia santo, pelo menos não era secular.

A área de estudo nos fundos do salão, com uma estante cheia de livros de cunho motivacional e uma pilha pesada de Bíblias, continha dezenas de testemunhos de ex-gaús vitoriosos.

“Lenta, mas, verdadeiramente, comecei a me recuperar”, li naquela manhã, passando o dedo pela folha. “Comecei a me recuperar do fato de não ter amigos com quem eu não transasse. Comecei a entender quem eu era de verdade, em vez da personalidade falsa que havia criado para me tornar aceitável.”

Eu havia passado os meses anteriores tentando apagar minha “personalidade falsa”. Tinha saído do alojamento da faculdade em um dia de inverno e pulado no lago semicongelado do campus. Tremendo de frio, fizera a caminhada de volta para o dormitório com os sapatos encharcados, sentindo-me rebatizado. No banho quente, eu observara, hipnotizado pelo choque do calor em minha pele dormente, uma gota d’água percorrer a beirada do chuveiro. E rezara: *Senhor, torne-me puro*.

Durante minha estadia na Amor em Ação, eu repetiria essa oração até transformá-la em mantra. *Senhor, torne-me puro*.